

Índice

<i>Glamour e Gramática</i>	11
PRIMEIROS CONTOS	
O Triunfo	27
Obsessão	32
O Delírio	59
Eu e Jimmy	66
História Interrompida	70
A Fuga	75
Trecho	79
Cartas a Hermengardo	86
Gertrudes Pede Um Conselho	95
Mais Dois Bêbedos	105
LAÇOS DE FAMÍLIA	
Devaneio e Embriaguez duma Rapariga	113
Amor	121
Uma Galinha	130
A Imitação da Rosa	133
Feliz Aniversário	148
A Menor Mulher do Mundo	159
O Jantar	166
Preciosidade	170
Os Laços de Família	179
Começos de Uma Fortuna	187
Mistério em São Cristóvão	193
O Crime do Professor de Matemática	198
O Búfalo	204

A LEGIÃO ESTRANGEIRA

Os Desastres de Sofia	215
A Repartição dos Pães	229
A Mensagem	232
Macacos	244
O Ovo e a Galinha	247
Tentação	256
Viagem a Petrópolis	258
A Solução	265
Evolução de Uma Miopia	268
A Quinta História	274
Uma Amizade Sincera	277
Os Obedientes	280
A Legião Estrangeira	285

Fundo de Gaveta

A Pecadora Queimada e os Anjos Harmoniosos	298
Perfil de Seres Eleitos	308
Discurso de Inauguração	312
Mineirinho	314

FELICIDADE CLANDESTINA

Felicidade Clandestina	321
Restos do Carnaval	324
Come, Meu Filho	327
Perdoando Deus	329
Cem Anos de Perdão	333
Uma Esperança	336
A Criada	338
Menino a Bico de Pena	341
Uma História de Tanto Amor	344
As Águas do Mundo	347
Encarnação Involuntária	350
Duas Histórias a Meu Modo	352
O Primeiro Beijo	355

ONDE ESTIVESTES DE NOITE

A Procura de Uma Dignidade	361
A Partida do Trem	370
Seco Estudo de Cavalos	385
Onde Estivestes de Noite	392

O Relatório da Coisa	405
O Manifesto da Cidade	412
As Maniganças de Dona Frozina	414
É para lá Que Eu Vou	417
O Morto no Mar da Urca	419
Silêncio	421
Uma Tarde Plena	424
Tanta Mansidão	427
Tempestade de Almas	429
Vida ao Natural	432
A VIA CRUCIS DO CORPO	
Explicação	437
Miss Algrave	439
O Corpo	446
Via Crucis	453
O Homem Que Apareceu	457
Ele Me Bebeu	462
Por enquanto	466
Dia após Dia	469
Ruído de Passos	473
Antes da Ponte Rio-Niterói	475
Praça Mauá	478
A Língua do “P”	482
Melhor do Que Arder	485
Mas Vai Chover	488
VISÃO DO ESPLENDOR	
Brasília	495
ÚLTIMOS CONTOS	
A Bela e a Fera ou A Ferida Grande de mais	519
Um Dia a menos	529
Apêndice	
A Explicação Inútil	537
Nota Bibliográfica	541
Agradecimentos	549



Glamour e Gramática

“Renunciáis ao glamour do mal?”, pergunta-se aos comungantes anglófonos durante a missa da Páscoa, “e recusais o domínio do pecado?” A pergunta preserva uma ligação, hoje rara, entre glamour e feitiçaria: o glamour era a qualidade que confundia, que alterava as formas, que investia uma coisa de uma aura misteriosa; era, nas palavras de Sir Walter Scott, “o poder mágico de confundir a visão do observador, de maneira a que um objeto assumia uma aparência totalmente diferente da realidade”.

A lendariamente bela Clarice Lispector, alta e loura, ataviada com os desafortados óculos escuros e a copiosa joalheria de uma grande dama do Rio em meados do século, correspondia à moderna definição de glamour. Tendo trabalhado durante anos como jornalista de moda, ela sabia como se apresentar para esse papel, mas é no antigo sentido da palavra que Clarice é glamorosa: como uma feiticeira, literalmente encantadora, cujo nervoso fantasma assombra todos os ramos das artes brasileiras.

O seu feitiço cresceu sem cessar após a sua morte. À época, em 1977, teria parecido um exagero dizer que ela era o escritor moderno mais importante do seu país. Atualmente, quando tal afirmação já não soa estranha, as questões relacionadas com a proeminência artística tornaram-se, em certa medida, irrelevantes. O que importa é o amor magnético que ela inspira naqueles que lhe são suscetíveis. Para estes, Clarice é uma das maiores experiências emocionais das suas vidas. Mas o seu glamour é perigoso. “Tenha cuidado com a

Clarice”, disse um seu amigo, décadas atrás, a uma leitora. “Não é literatura. É bruxaria.”

A ligação entre literatura e bruxaria sempre teve um papel importante na mitologia de Clarice Lispector. Fortemente impulsionada pela Internet, essa mitologia desenvolveu sequências tão barrocas que hoje pode ser designada como um ramo menor da literatura brasileira. Em linha circula, imparavelmente, toda uma obra fantasma, geralmente “profunda” e que respira paixão. Também na Internet, Clarice adquiriu postumamente um corpo fantasma, na medida em que fotografias de atrizes desempenhando o papel da escritora são constantemente publicadas em vez das originais.

Se a tecnologia mudou as suas formas, a mitificação propriamente dita não é nada de novo. Clarice Lispector tornou-se famosa com a publicação de Perto do Coração Selvagem, no final de 1943. Acabara de fazer vinte e três anos, uma obscura estudante, filha de emigrantes pobres; o seu primeiro romance teve um impacto tão extraordinário que, escreveu um jornalista, “não temos memória de uma estreia mais sensacional, que elevou a tal proeminência um nome que, até muito pouco tempo antes, era completamente desconhecido”. Mas apenas algumas semanas depois de esse nome começar a tornar-se conhecido, a sua portadora partiu do Rio de Janeiro.

Durante quase duas décadas, ela e o seu marido, um diplomata, viveram no estrangeiro. Embora tenha visitado regularmente o seu país, só regressaria definitivamente em 1959. Nesse ínterim, lendas propagaram-se. O seu nome estranho, de aspeto estrangeiro, tornou-se objeto de especulação — um crítico perguntou-se se seria um pseudónimo, e outros perguntaram-se se ela não seria, na verdade, um homem. No seu todo, essas lendas refletem uma inquietação, uma sensação de que ela não era o que aparentava: de que assumia “uma aparência totalmente diferente da realidade”.

Importa aqui sublinhar a palavra “aparência”. A bonita esposa de um diplomata, aparentemente um ordeiro pilar da burguesia brasileira, produzia uma série de escritos numa linguagem tão exótica que, nas palavras de um poeta, “a estranheza da sua prosa” se tornara “um dos factos mais esmagadores [...] da história da nossa língua”. Havia em Clarice Lispector algo que não era o que parecia,

uma estranheza amiúde registada por aqueles que se encontravam com a sua obra pela primeira vez. Mas raramente foi tão bem articulada como no final da sua vida, a meio da ditadura militar, quando se viu extensa e fisicamente revistada no aeroporto de Brasília. Perguntou à segurança: “Tenho cara de subversiva?” A mulher riuse, e depois deu a única resposta possível: “Até que tem.”

Num velho dicionário escocês lê-se que “glamour” se refere metaforicamente à “fascinação feminina”. É uma curiosidade etimológica que a palavra derive de “grammar”, gramática. Na Idade Média, esta palavra descrevia todos os estudos, mas particularmente o saber oculto: a capacidade de encantar, de mostrar objetos e vidas como “totalmente diferentes da realidade” da aparência exterior. No caso de uma escritora, sobretudo uma escritora conhecida por revelar as realidades ocultas das vidas visíveis por meio de uma sintaxe escorregadia e móvel, a associação torna-se irresistível, e ajuda a explicar a “fascinação feminina” que Clarice Lispector exerce.

Nas oitenta e cinco histórias deste livro, Clarice Lispector conjura, antes de mais, a própria escritora. Da adolescência auspiciosa à maturidade confiante, e desta à implosão de uma artista à medida que se aproxima da morte — e a convoca —, descobrimos a figura, maior do que a soma das suas obras individuais, que o Brasil adora. Falar de João Guimarães Rosa é falar de Grande Sertão: Veredas. De igual modo, falar de Machado de Assis é falar dos seus livros, e só depois do homem notável que está por trás deles. Mas falar de Clarice Lispector é falar de Clarice, o singelo nome pelo qual é universalmente conhecida; é falar da mulher em si.

Desde o seu primeiro conto, publicado aos dezanove anos, até ao último, encontrado sob a forma de toscos fragmentos após a sua morte, acompanhamos toda uma vida de experimentação artística através de uma grande variedade de estilos e de experiências. Esta literatura não é para todos: mesmo alguns brasileiros altamente letrados se têm mostrado perplexos com o fervoroso culto que ela inspira. Mas para aqueles que instintivamente a compreendem, o amor pela pessoa de Clarice é tão imediato quanto inexplicável. A sua é uma arte que nos faz querer conhecer a mulher;

e ela é uma mulher que nos faz querer conhecer a sua arte. Este livro oferece-nos uma imagem de ambas: um retrato inesquecível, na e através da sua arte, dessa grande figura, em toda a sua trágica majestade.

Muita coisa neste livro não tem precedentes. Pela primeira vez em qualquer língua — incluindo a portuguesa —, todos os contos de Clarice são reunidos num único volume. Um deles, a quarta das “Cartas a Hermengardo”, foi por mim descoberto num arquivo. Esta obra invulgar apresenta novos testemunhos da importância de Espinosa, que ela leu enquanto estudante, e cuja influência ecoaria durante toda a sua vida.

Por muito empolgantes que estas descobertas bibliográficas sejam para o investigador ou biógrafo, algo de muito mais surpreendente assoma quando essas histórias são por fim vistas na sua completude. É uma realização de cuja significância histórica a própria autora não pode ter tido consciência, pois só podia emergir retrospectivamente. E a sua força teria sido consideravelmente menor se fosse uma expressão ideológica, em vez de um resultado natural das experiências da autora.

Esta realização reside na segunda mulher que ela conjura. Se Clarice Lispector foi uma grande artista, também foi uma esposa e uma mãe da classe média. Se o retrato da extraordinária artista é fascinante, o mesmo se pode dizer do retrato da dona de casa comum cuja vida é o assunto deste livro. Conforme a escritora amadurece, também a dona de casa envelhece. Quando Clarice é uma adolescente desafiadora e com perfeita noção do seu próprio potencial — artístico, intelectual, sexual —, o mesmo se passa com as raparigas das suas histórias. Quando, na sua própria vida, o casamento e a maternidade substituem a criança precoce, também as suas personagens amadurecem. Quando o seu casamento fracassa, quando os seus filhos saem de casa, esses afastamentos aparecem nas suas histórias. Quando Clarice, outrora tão gloriosamente bela, vê o seu corpo sujo de gordura e rugas, as suas personagens veem nos seus corpos o mesmo declínio; e quando se confronta com os últimos trâmites da velhice, da doença e da morte, elas estão ao seu lado.

Esta obra é o registo da vida inteira de uma mulher, escrito ao longo da vida inteira de uma mulher. Enquanto tal, parece ser, na sua abrangência, o primeiro registo do género em qualquer país. Uma afirmação tão radical como esta exige particularizações: a vida de uma mulher ocidental, casada e com filhos, burguesa, heterossexual; uma mulher que não foi estorvada: que não começou a escrever tarde, que não parou por causa do casamento ou dos filhos nem sucumbiu às drogas ou ao suicídio; uma mulher que, à imagem de tantos escritores do sexo masculino, começou a escrever na adolescência e continuou a fazê-lo até ao fim; uma mulher que, em termos demográficos, era exatamente como a maioria das suas leitoras.

A história delas só havia sido escrita em parte. Antes de Clarice Lispector, uma mulher que tivesse escrito durante toda a sua vida — e sobre essa vida — era algo de tão raro ao ponto de ser inaudito. A afirmação parece extravagante, mas eu não identifiquei quaisquer predecessoras.

As particularizações são importantes. Mas, mesmo quando as deixamos de lado, é espantoso quão poucas mulheres conseguiram produzir uma obra extensa. As que o conseguiram foram justamente mulheres isentas dos obstáculos que impedem a maioria das mulheres de escrever. Essas barreiras são as que Tillie Olsen esboçou no seu famoso ensaio de 1962, “Silences in Literature”, e que fazem com que as mulheres sejam, segundo os cálculos de Olsen, “uma em cada doze” escritores no século xx. Houve exceções, mas estas foram excepcionais por estarem isentas dos problemas que afligiam a maioria das mulheres. “No nosso século, tal como no anterior”, escreveu Olsen, “quase todas as realizações meritórias provêm de mulheres sem filhos.” Edith Wharton estava longe de pertencer à classe média; Colette certamente não viveu, ou escreveu sobre, uma vida burguesa convencional. Outras — Gabriela Mistral, Gertrude Stein — tinham, como muitos escritores do sexo masculino, as suas próprias esposas.

Clarice Lispector, como estas histórias tornam claro, estava intimamente familiarizada com essas barreiras. As suas personagens lutam contra concepções ideológicas sobre o lugar próprio de uma